



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal.

O SECULO

N.º 694

O MONTINHO DE LIXO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA



A vassoura do desleixado varredor deixara ao canto da valeta uma casca de cebola, uma cabeça de sardinha e um trapo de seda azul.

O montinho de lixo, aborrecido da sua vida, desatou a conversar.

O desiludido trapinho contou a sua história.

— «Calculem vocês, — disse ele — que eu sou o resto dum lindo vestido de baile. A costureira que o fez, tóda se



revia no brilho da minha seda. Logo, por sorte, sobejei dum fólho e vai a tesoura, desapiedada, cortou-me, separando-me da saia de que eu fazia parte. Desde então, andei sempre aos pontapés pelo chão e nunca mais os dedos ágeis das costureiras quiseram saber

de mim. Agora para aqui estou, sem utilidade nenhuma, a-pesar da minha seda ser da cor do céu, tão brilhante e de tão boa qualidade!»

— «Pois eu, — começou a casca da cebola, — ainda ontem estava conchegando a sã cebolinha, de que era a ca-misa. Quando a cozinheira me arrancou, com violência, da polpa que eu abrigava, a pôbrezinha cherou e não sei se por simpatia, até dos olhos da cozinheira saíram lágrimas. Mas a vida é assim! O gulsado tinha de se fazer e eu fui sacrificada. Ainda sofri o suplício de cheirar o refugado feito da cebola a que eu pertencia. Junta com cascas de batata, vim parar no barril do lixo, mas, ao despejarem-no na carroça, eu cai e cá fiquei ao abandono.»

A cabeça de sardinha falou assim, e, enquanto falava, ia espalhando um certo cheiro a pódre.

— «Umhas mãos brutais me separaram do meu corpo. Desconfio que ele foi feito em caldeirada. Sem mais nenhum préstimo, fui, então, arremçada para a rua. Bom tempo em que eu era uma espécie de submarino e em que fazia um vistão no alto mar! Eis, aqui, meus amigos, o triste fim duma cabeça de sardinha!»

— «O fim te vou eu dar e nada triste para mim!» — miou um certo gatinho que por ali passava. E deitou-lhe a dentuça, engulindo-a de um trago.

Depois, seguiu o seu caminho, dando ao rabinho, muito contente por ter en-

contrado pitança para a sua barriguinha.

A cabeça de sardinha, no bucho do gato, pensou que, afinal, sempre tinha



sido útil, visto que matara a fome ao bichano.

Nessa ocasião, a vósita duma criança pôbrezinha, exclamou, ao avistar o trapo de seda azul:

— «Ó mãe, que lindo trapinho para um vestido para a minha boneca!»

E spanhou-o do chão, dizendo, contente:

— «Como a minha Mimí é pequenina, chega muito bem. Vou já tratar de o talhar e num instante o faço.»

Daí a pouco, o trapo azul, viu-se transformado num vestido de boneca da pequena pobre, que ficou radiante com a sua obra.

E o trapinho deixou de viver descontente, porque contribuíra para a felicidade da pôbrezinha.

(Continua na página seguinte)



entre o cão e o gato. Hoje os rapazes, marótos em excesso, levantam, de súbito, o corpo e o amigo, que os vai a saltar, estatela-se no chão! O pior é quando chega a vez desses marótos... Mas cão e gato davam-se muito bem. Era a felicidade.

O CÃO e o GATO

por JOSE DE OLIVEIRA



Se meninos já se lembraram alguma vez de averiguar qual o motivo por que o cão e o gato andam sempre zangados? Nem mesmo quando

do batem nos irmãozinhos — o que é muito feio — e a mamã lhes diz — «Parecem o cão e o gato?»...

Pois, se não sabem, eu lhes explico: Antes do Dilúvio universal, Noé depois de construída a monumental Arca, meteu dentro dela um casal de cada espécie animal.

O hipopótamo e a girafa-macho eram bóbos — o Bucha e o Estica da bicharada. Faziam tais momicas que os seus espectadores se atiravam ao chão e rebojavam, fartinhos de riso. Actualmente, não sei se já repararam, ainda se riem, de vez em quando. Devem ser restos desses bons tempos...

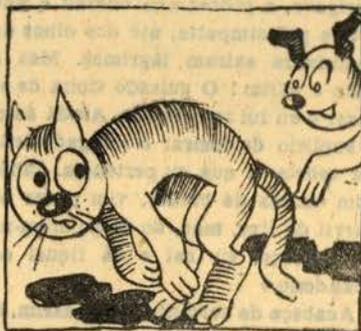
Quando tais cómicos não davam espectáculo, a bicharada reunia-se em grupos, a passear e a brincar. Os mais sisudos — o leão, o boi, o burro, etc. — formavam uma tertúlia em que discutiam ora este, ora aquele assunto que diziam ser de grande interesse mútuo. O burro, é claro, só deitava asneiras pela boca fóra. O

boi, de uma pachorra comodista, deixava-se vencer por todos. O leão, esse era o mais inteligente: derrotava todos os adversários com o seu falar persuasivo e... aterrador.

Os mais levianos passavam a vida a brincar. Constituíam-se em grupos — ou clubes — e jogavam o que lhes apetecia.

O cão e o gato eram inseparáveis. Corriam a arca de lés a lés, sentavam-se um ao lado do outro, nos espectáculos do sr. Hipopótamo e C., jogavam o eixo, etc.

Isso mesmo. Jogavam o eixo. Foi daqui que nasceu a desavença que ainda hoje os traz zangados. Não lhes vou contar como eles faziam, pois que sabem isso muito bem. Dir-lhes-ei simplesmente que, visto não haver na Arca de Noé malícia ou coisa que se comparasse, o jogo era muito leal



O tempo rolou... E quando terminou o Dilúvio, os animais saltaram da Arca e, longe de Noé, começaram a dar largas aos seus instintos.

...Precisamente nesse momento andavam cão e gato a jogar o eixo! Era a vez do cão saltar. Já prestes a ultrapassar o gato, este, num gesto de suprema garotice, levantou inopinadamente o lombo e o cão bateu no solo, com todo o seu peso!...

Pegaram-se logo de razões: — «Ao! ao! ao! ao!... (Então, isto é assim?)»

— «Miau ff-ff... (E; e que queres?)» O cão não esperou por mais nada. Com uma dentada enérgica, arrancou a orelha direita ao pobre do gato. Em desfôrço, este, de um salto brusco, deixou-lhe o focinho a escorrer sangue. E prosseguiu a luta, cada vez com mais furor.

Porém, não há mal que sempre dure... O gato, vendo que não levava a melhor, escapuliu-se para o alto de uma árvore, a miar, cheio de raiva e dôr. O cão, vitorioso, ficou-se a olhá-lo cá de baixo, com irritadora insolência...

Nunca mais se reconciliaram. Ainda agora, quando se encontram — os seus descendentes, é claro — se nota a profunda rivalidade que, há tantos séculos, os divide. O gato — ficou-lhe o defeito — levanta imediatamente o dorso e bufa que não há aí dizê-lo. O cão contenta-se em o olhar, cheio de desprezo, e em lhe fazer um arranhão — evocação da antiga vitória do seu primeiro pai sobre o do seu rival e lembrança perene de uma orelha arrancada!...

F I M

ANEDOTAS

PARENTESCO

— Essa sua parenta é muito afastada?»

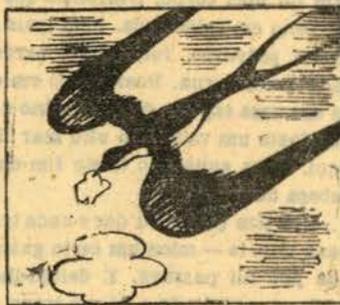
— «E', sim; ela mora no Rio de Janeiro e eu aqui em Lisboa.»

NO CINEMA

O bilheteiro: — «O senhor não deseja ver o filme» «Dentro da Prisão?»

O cavalheiro: — «Não, meu amigo. Prefiro ficar cá fóra.»

O MONTINHO DE LIXO (Continuado da página anterior)



A casca da cebola não ficou muito tempo só.

Uma andorinha, que esvoaçava por

ali, mal a viu, fez um piu-piu satisfelto.

Com o biquinho, levou-a por ali fóra, subiu, subiu, e, por fim, lá no beiral do telhado, juntou-a a várias cousas, construindo, assim, o seu ninho.

Que contentamento não foi para a casquinha de cebola ver que se tornara útil, pois que ia ser o berço dos passarinhos que iam nascer.

Desta forma se provou que tudo, mesmo o que nos parece mais inútil, tem sempre a sua utilidade.

F I M



T. PINTO

AVENTURAS DO
GRANDE DETECTIVE

• PANTALEÃO DA SILVA LEÃO •

Por TAVARES PINTO



UM GRITO NA NOITE

ANTES de mais nada, quero apresentar aos leitores do «Pim-Pam-Pum», esta fenomenal, colossal, piramidal e detectivesca personagem.

Trata-se do grande Leão, conhecido em todo o mundo e avenidas novas, que já «detectivou», com êxito, muitos e muitos casos intrincados e algo misteriosos.

É português, vive em Lisboa, e recebeu esta manhã um telegrama.

— «Oh! O que será? Será trabalho? E eu que estou há tanto tempo desempregado!» — monologou o célebre polícia, abrindo e lendo o supracitado telegrama:

«PRECISAR SEUS SERVIÇAS—
PONTO—ESPIÕES EM MINHA
PAIS—PONTO FINAL,

SIMSIM III
(Rei de Nãonãão)

Pantaleão tratou de ver no Mapa-Mundo onde estava situado esse país e viu que ficava muito distante de Portugal, lá para as bandas de *Khássihas*.

Preparou-se, pois, para a viagem, tomou vapor no Terreiro do Paço e eil-o a caminho... Tão longa jornada não foi perturbada por nenhum contratempo e, assim que chegou a Nãonãão, dirigiu-se ao Palácio Real onde foi recebido com tôdas as honras, pelo rei.

— «Pois, como lhe disse no telegrama, há espiões em Nãonãão e têm-se visto nas ruas dos arredores desta

capital, vários indivíduos com caras de estrangeiros. Um meu súbdito foi já agredido, fizeram-lhe perder os sentidos e, quando acordou, deu por falta dum dente.»

— «Pronto, majestade, pronto! Não diga mais, que esses elementos já chegam para as minhas investigações!» — exclamou o nosso Pantaleão.

Uma ideia de espantar lhe passava pelos miolos.

Foi dali a uma drogaria, comprar — advinhem! — purpurina dourada. Com ela pintou três dentes e eil-o a passear pelas ruas excêntricas da cidade, a scrixir para todos.

Caiu a noite...

Um polícia passava numa rua deserta, quando duma porta, escura e misteriosa, atiraram ao nosso herói com uma bomba de... clorofórmio.

Cambaleou, deu dois ou três passos e caiu de papo para o ar.

Da tal porta, escura e misteriosa, saiu um vulto, muitíssimo misterioso também, que trazia na mão um formidável alicate.

Ajoelhou ao chegar ao pé do detective e, com a mão que tinha livre, abriu-lhe a boca.

A vista dos dentes de ouro, um clarão de alegria lhe brilhou no olhar. Pousou no chão, depois, o instrumento e pôs-se a abanar-lhos a ver a resistência que ofereceriam ao alicate.

De súbito — «ai, que medo!!!» — um grito lancinante, terrível, medonho, como de alguém a quem estivessem matando, ecoou no silêncio da noite. — «Credo!»

Fôra o grande Pantaleão (que, afinal, não perdera os sentidos, graças a um tampão de algodão) e que tinha fechado repentinamente a boca e trilhado um dedinho ao bandido que, com aquela terrível dôr, acabou por ter um «cheliqes».

Atraídos pelo berro, dentro em pouco chegaram outros polícias, que levaram o perigoso bandido para a cadeia mais próxima.

No dia seguinte, Pantaleão dava ao rei a explicação do seu sucesso tão rápido:

— «Saiba Vossa Majestade que hoje, com a crise, tôdas as nações procuram ter nos seus bancos uma grande reserva de ouro. E a pátria do bandido resolveu, a-fim-de aumentar as suas reservas, roubar todos os dentes de ouro que hajam por esse mundo.

Mandou para várias nações algumas dúzias de dentistas com essa missão, missão que eu vou embargar, prendendo-os a todos.

E agora, majestade, adeuzinho que estou com pressa; há um barco de carreira daqui a minutos, que não quero perder.»

— «Espere — disse com solenidade Simsim III — quero agraciá-lo com uma honrosa condecoração e recompensá-lo pelo seu serviço.» E deu ordem para entregarem ao célebre Pantaleão da Silva Leão a comenda de Nãosim, um saco de batatas, actualmente um rico tesouro, em vista do seu elevado custo, duas dúzias de carapaus e um bellissimo chicharro.



«UM PUZZLE»



Do emaranhado de linhas que os nossos amiguinhos estão vendo, podem conseguir a surpresa dum vistoso

quadrinho, recortando os diversos quadrados que o constituem e dispondo-os pela respectiva ordem.

UMA CHARADA
A RAPOSA
e as UVAS

POR A. DE S. R.

NUMA altíssima parreira se ostentava um belo cacho; e a cubicá-lo, por baixo, uma raposa matreira.

Já tentara um grande salto mas em vão, pois o diacho dêsse apetitoso cacho estava deveras alto.

Nisto surge — que alvorôço! — junto dela uma girafa que, a-pesar-de grande estafa e do seu alto pescoço,

por mais que estenda o focinho nunca consegue abocá-lo, dizendo, por fim: — «Deixá-lo! Só faltava um bocadinho.

Então, a raposa, em baixo, diz-lhe um segredo, matreira,

«ZÉ» MARIA, O ALDRABÃO



Zé Maria veio da aldeia para Lisboa, a fim de frequentar o liceu.

Zé Maria é um péssimo estudante, cábulas e mentiroso é, por isso, não aprende nada mas presume de sabichão e gosta de empregar palavras difíceis, mesmo que lhes ignore o sentido.

Por isso é conhecido, no liceu, por Zé Maria «o Aldrabão».



Ora Zé Maria faltou 8 dias às aulas porque andou 8 dias na raposa — jogando o football, em excursões de automóvel, passeios de barco à vela, etc.

Mas, para justificar as faltas no liceu, conseguiu arranjar um atestado de doença para apresentar.



O Rector, quando pegou no atestado, levantou os óculos para a testa e, olhando direito para Zé Maria, observou-lhe.

— «Mas en, ante-ontem, por volta das onze horas, viu na rua a correr...?»

Zé Maria, o Aldrabão, tossiu, engasgou-se e tartamudeou:



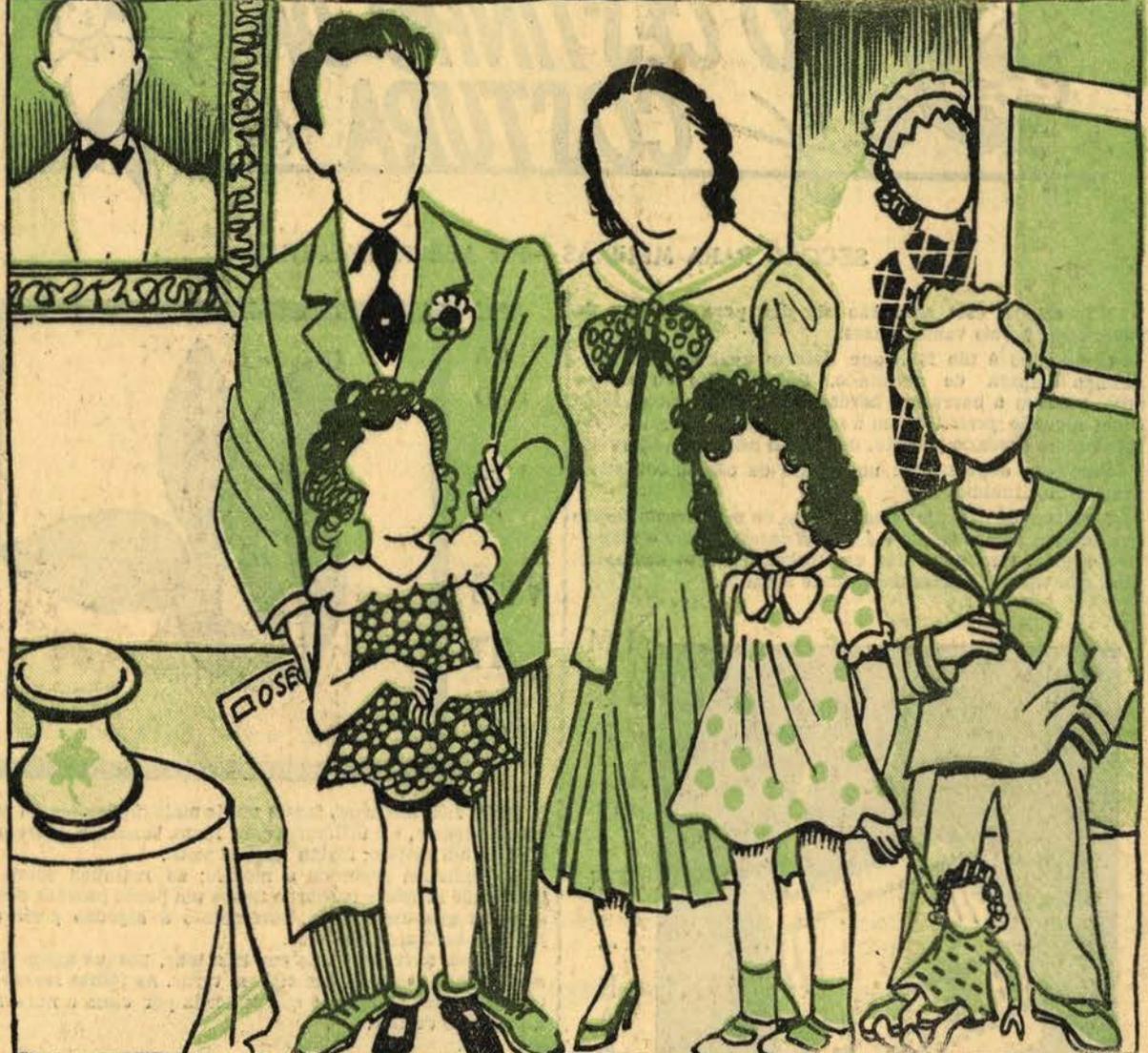
— «De facto... Efectivamente saí a essa hora... porque me sentia muito mal... e é verdade que ia a correr, porque ia, a toda a pressa, chamar o médico, justamente por eu estar com uma «sincope»...

ISABEL AREOSA



UM ENTRETENIMENTO
DIVER TIDO

A FAMILIA BATATAU



Meus meninos:— Nenhum de vos, por certo, terá deixado de desenhar bonecos, tranquilamente, em casa, admirados pela família e fazendo sorrir os queridos avôzinhos. Ora, hoje, lembrámo-nos de vir auxiliar-vos, facilitando os vossos sonhos ou tendências artísticas. Reparaí, com atenção, no quadro que publicamos; não há nele, como estais vendo, nenhuma feição desenhada. Desenhai-as vós, queridos pequeninos, fazendo-lhes os rostos, as barbas, as lunetas, os caracóis e tudo o que, logicamente, vos passar pela cabeça. Podeis assim reconhecer, facilmente, a senhora e o senhor Batatau, os seus filhos, a criada a es-

preitar pela porta, o retrato do antepassado na sua moldura dourada e flores na jarra. Darão, também, a impressão dos tecidos dos fatos, neles desenhando florinhas ou riscas, conforme o vosso gosto. Enfim, fazei o que a vossa imaginação vos inspirar e assim revelareis a simpática família Batatau, que muito grata vos ficará.

E, para terminar, desenhai, também, uma pequena caricatura na folha branca de «O Século», que o senhor Batatau tem na mão:

O mais interessante trabalho será publicado e terá por recompensa uma lembrança.

ensinando-lhe a maneira de conseguirem o cacho.



Dize-me cá, leitorzinho, mas responde com acerto, se tu, como ela, és esperto, qual foi o seu segredinho? — (Um doce a quem o disser!) — Qual o processo engendrado



que deu tão bom resultado, pois já o estão a comer.



A solução da charada (—para que saibam, então, se adivinharam ou não,)— aqui virá desenhada.

F I M

O CESTINHO DA COSTURA



SECÇÃO PARA MENINAS — Por ABELHA MESTRA

Não acham este saco tão simples para qualquer de vocês fazer? Pois vamos a isso.

O desenho é tão fácil que, decerto, nenhuma das Abelhinhas deixará de ampliá-lo. Sobre linho ou estopa crua, passam a barra que bordam com qualquer tom forte e em algodão *perlé*. Fazem á roda de cada triângulo, contornando o bordado já feito, um ponto pé de flôr, em preto.

Forra-se, depois, com um tecido da côr do bordado e armam-no, finalmente.

Precisam de arranjar duas réguas de madeira ou cartão que forram com o tecido e ás quais cosem o saco e respectiva argola. Ora aqui têm um trabalho muito útil e simples, que vos pode fazer um grande arranjo.



UM
S
A
C
O
D
E
T
R
A
B
A
L
H
O

APLI
CA
ÇÃO

PA
RA

VES
TI
DO



Esta flôr moderna, faz-se muito mais facilmente do que vocês supõem, e é útil porque, de facto, bordados sobre um bibe ou um vestido, fazem imensa vista.

Desenha-se, seguindo o modelo; as rosinhas sobre o tecido que se quere bordar, e faz-se um ponto passado como a nossa gravura indica, bordando-o a algodão *perlé* ou *filoselle* brilhante de lavar.

A rosa deve ser feita em três tons, porque assim fica mais bonita e as fôlhas são em verde. As fôlhas fazem-se tôdas inteiras e depois é que se borda por cima a nervura, a ponto pé de flôr.

PINTAINHOS
MIUDOS

Minhas caras Abelhinhas
Corram a buscar um trapo
E, com estes pintainhos,
Vão fazer um guardanapo...

O JÔGO DAS COMPRAS

Este jôgo é muito divertido e faz pagar imensas prendas, porque se presta a grandes confusões.

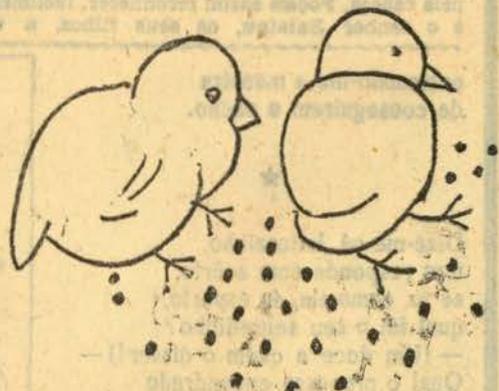
O primeiro jogador a falar, diz por exemplo:

— «Entrei numa loja e comprei uns sapatos» — e faz, ao mesmo tempo, o gesto de se calçar.

O segundo jogador diz: — «Entrei numa loja e comprei...» — (Aqui faz o gesto de se calçar...)

e um fato.» — (Faz o gesto de se vestir).

O terceiro jogador, depois de repetir a frase, faz de conta que se calça, e acrescenta: — «e um...» — (faz de conta que se veste, acrescentando ainda): e um piano — fazendo o gesto de tocar este instrumento. E assim por diante, quantos forem os jogadores, quantos serão os objectos que se vão acrescentando, pois deste modo mais vai aumentando a confusão!





O TEATRO do PIM-PAM-PUM

O «Pim-Pam-Pum», o nosso grande amigo «Pim-Pam-Pum», no intuito de proporcionar aos seus muitos amiguinhos algumas horas de alegria, resolveu abrir uma interessante e original secção de teatro, na qual vos irá ensinar, a par de pequeninos monólogos e peças para vós próprios recitardes e representardes, a forma de fazerdes os fantoches que se vêem nos teatrinhos de feira, para os quais arranjará, também, peças adequadas.

Mas não é só isto que esta secção vos proporcionará! Ensinar-vos-á a maneira de vos tornardes uns perfeitos prestidigitadores que irão assombrar os papás e as visitas da casa. «Dirá, também, (e isto na parte cinematográfica)»

a forma de construídes as lanternas mágicas e dar-á, até, o que parece impossível, fitas com quadradinhos para nela os exibirdes.

Além destas, dar-á ainda muitas mais coisas nesta secção o vosso jornal amiguinho, que, pela preocupação e constante pensamento que vos dedica, espera continuar a merecer a vossa amizade

No próximo número:

COMO SE FAZEM OS FANTOCHES

OS NOSSOS CONCURSOS: ENCONTRAIS RIMAS E FIXAIS CONCEITOS

Conforme prometemos, publicamos hoje a lista dos meninos premiados e classificados neste nosso concurso.

Entendeu o Júri que todos os concorrentes merecem um louvor pela forma como corresponderam a mais esta iniciativa do querido suplemento, pois se esmeraram na apresentação das cadernetas e, mais ou menos, acertaram nas rimas complementares deste instrutivo concurso. Entendeu também, todavia, salientar os trabalhos daqueles que mais capricharam e que, portanto, merecem um especial destaque.

Nesta ordem de idéas, estabeleceu o Júri a seguinte classificação:

1.º Prémio — Uma máquina fotográfica à menina Maria José Borges de Almeida, moradora em Coimbra, Travessa do Olimpo, 36.

2.º Prémio — Uma máquina fotográfica à menina Maria Lucilla Mendes de Abreu, moradora em Algés — Rua Ernesto da Silva N.º 70 — Letra B — 1.º Esquerdo.

3.º Prémio — Um livro de contos infantis, profusamente ilustrado, ao menino José Carlos de Carvalho Telo de Moraes morador em Vizeu, Cova do Viriato.

Além destes prémios, resolveu o Júri conceder menções honrosas numeradas aos seguintes concorrentes:

1.º Maria Rita Ramalho Ortigão Pinto Cortês, moradora em Serpa.

2.º António José Monteiro Cardoso, morador em Algueirão.

3.º Maria Graciete da Silva Soeiro, moradora na Figueira da Foz — R. das Canas N.º 3

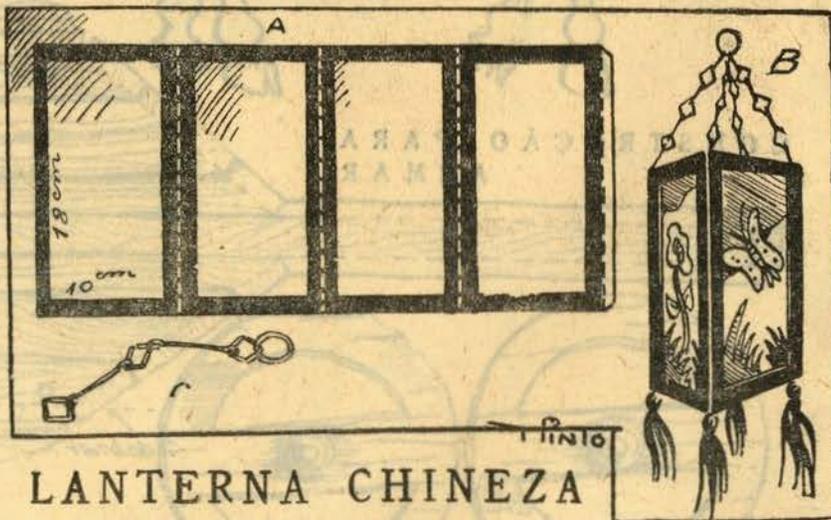
E outras menções honrosas a outros concorrentes, cujos nomes publicaremos no próximo número.

A DIVINHA

Serão capazes de, tendo na mão uma coisa com quatro cantos, tirarem um e ficarem com cinco?

Não são? Pois ver-á que não é difícil. Arranjam um cartão quadrangular. Tem quatro cantos, não é verdade? Agora, com uma tesoura, cortem-lhe um. Ficaram ou não cinco cantos?

Eis uma adivinha para intrigarem os vossos amiguinhos.



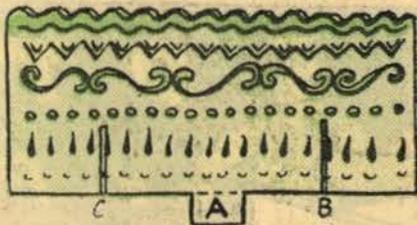
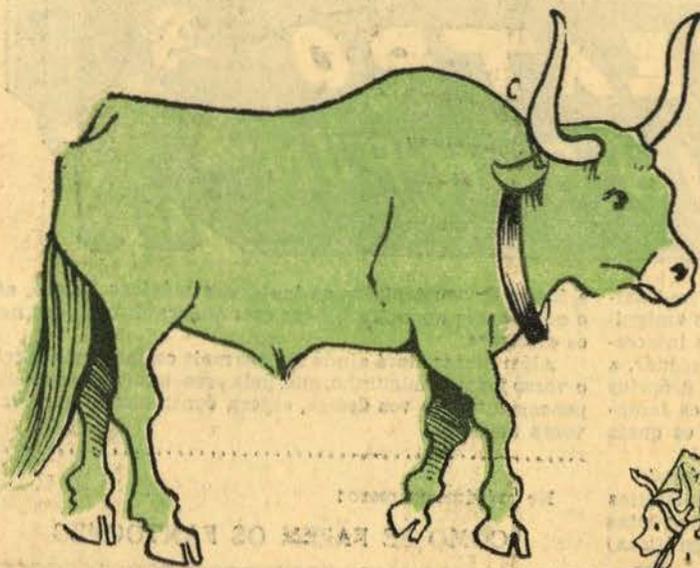
LANTERNA CHINEZA

Aproximando-se as festas de St.º António, é tempo do vosso amigo «Pim-Pam-Pum» vos ir ensinando a fazer brinquedos com que ornamentareis as vossas varandas, os jardins, etc.

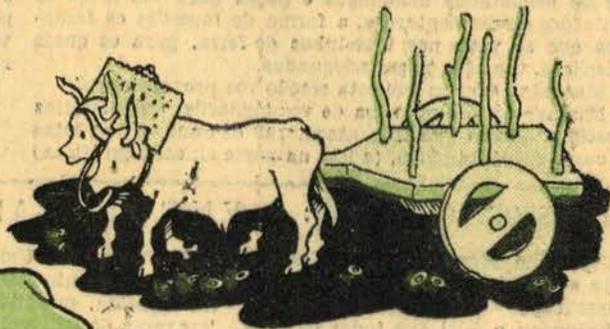
Trata-se duma interessante lanterna chinesa, de fácil execução. Façam em cartão forte a figura representada sob a letra A. Colem nas aberturas rectangulares, papéis de seda de várias cores. Quem fór habilidoso pode mesmo desenhar-lhe flôres, borboletas, etc. Armem em seguida como está em B. Ponham-lhe um fundo de cartão, uma borla em cada canto, e pendurem a lanterna, suspensa duns arames, como se verá em C. E pronto!

VER NA PAGINA 8

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



UM CARRO DE BOIS

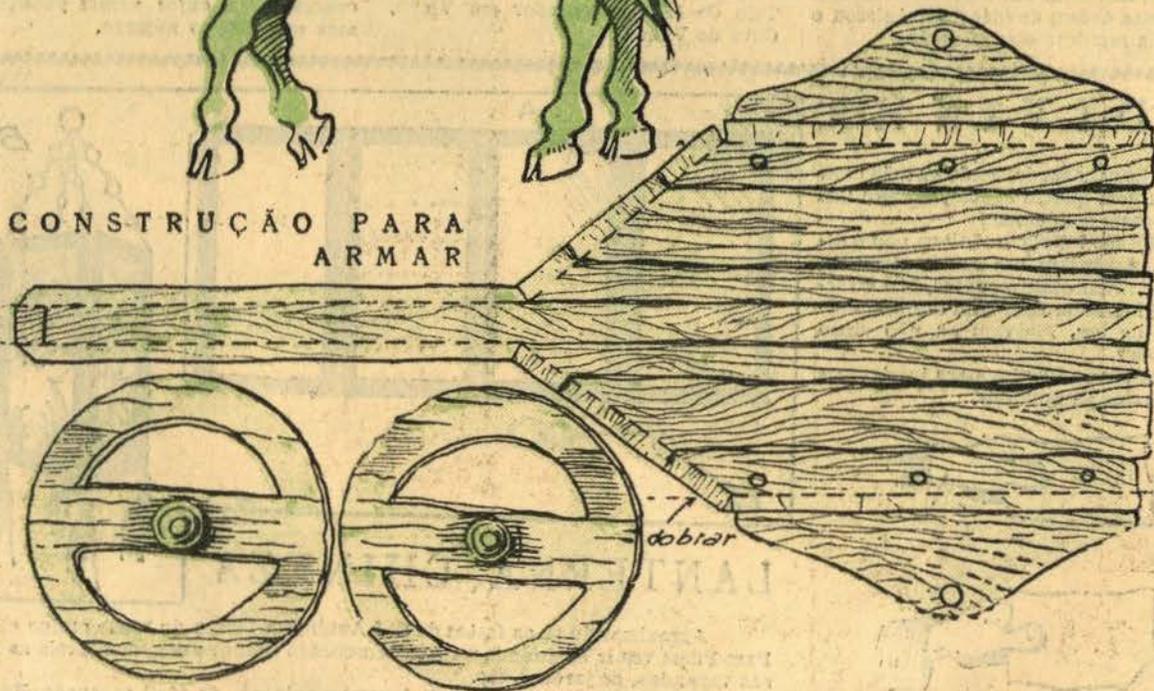


CARACTERÍSTICO DO PORTO

POR TAVARES PINHO



CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



Esta construção, por ser demasiado simples, não necessita de explicações. Basta, pois, que os leitorzinhos saibam que é um carro de bois característico do norte do País. Quem visitar a cidade do Pôrto verá, se descer as ruas Mousinho

da Silveira e S. João, dezenas destes carros, transportando as mais variadas coisas, desde os fardos de bacalhau até ao rico vinho do Pôrto.